



## **“Um Homem Melhor”: Perfil de Ari Friedenbach na Revista Narrativa<sup>1</sup>**

Gustavo Toledo Kelly<sup>2</sup>

Antônio Sérgio Spagnuolo<sup>3</sup>

André Santoro<sup>4</sup>

Universidade Presbiteriana Mackenzie, São Paulo, SP

### **RESUMO**

A Revista Narrativa tem como base editorial os textos diferenciados, abrindo espaço para a experimentação e a oportunidade de desenvolver grandes reportagens através da apuração detalhada e de um texto mais elaborado. Na edição do segundo semestre de 2007 o tema central da revista foi a produção de perfis – um deles o do advogado Ari Friedenbach, conhecido pelo grande público a partir do fim do ano de 2003, quando sua filha Liana, ao lado do namorado Felipe, foi cruelmente violentada e assassinada. O texto retrata a história um homem a partir de um choque que mudaria a vida de qualquer ser humano. Por trás de um texto que almeja não só contar, mas sim criar sentimentos naquele que o lê, tratando desde o homem antes do crime até o dos dias atuais, interpretando e colocando no papel seus sentimentos, sofrimentos, anseios e arrependimentos.

**Palavras-chave:** Jornalismo Literário; Jornalismo de Perfil; Jornalismo Criminal

### **OBJETIVO**

O objetivo desta edição da Revista Narrativa é justamente contar histórias de vida, sejam elas de personagens de conhecimento público ou não. Através de uma linguagem diferenciada, mais narrativa, mais literária, a matéria tende a ser mais elaborada, as percepções do narrador são mais evidentes e as entrevistas são mais importantes.

Os perfis podem ser elaborados com diversas finalidades. Podem ser transformados em textos curtos, apressados até que são publicados em jornais diários. Podem ser feitos

---

<sup>1</sup> Trabalho submetido ao XIX Expocom, na categoria B Jornalismo, modalidade produto, como representante da Região Sudeste.

<sup>2</sup> Aluno líder do grupo e estudante do 8º. Semestre do Curso de Jornalismo da UPM, email: gugakelly@hotmail.com

<sup>3</sup> Estudante do 8º. Semestre do Curso de Jornalismo da UPM, email: sergio\_assf@yahoo.com.br

<sup>4</sup> Professor orientador, mestre André Santoro – andresantoro@mackenzie.br



com mais vagar, e aproveitados de forma mais adequada em revistas mensais, como no caso “*Um Homem Melhor*”: *Perfil de Ari Friedenbach na Revista Narrativa*. Também podem se desdobrar em textos extensos, organizados em livros biográficos que buscam contar a história de uma pessoa a partir do ponto de vista de um autor. Qualquer que seja o formato, o resultado será sempre uma visão subjetiva – ainda que baseada em depoimentos e pesquisas consistentes – do jornalista que escreve o perfil.

Trabalhar em um perfil não é apenas delinear os traços biográficos e cronológicos de um personagem, no caso Ari Friedenbach; é mais que isso: trazer para as páginas da revista o momento dele, aquele que seja o mais significativo em sua vida; por meio das palavras conquistar o leitor a interagir com o texto, isso por meio de emoções que a leitura traz ao leitor, por mais que em um primeiro momento o perfilado não seja um personagem com apelo popular.

É necessário acrescentar que o perfil também serve para desconstruir personagens – e não apenas para construí-los. Serve para desmascarar um perfilado, tirar as vendas do leitor, iluminá-lo com visões que, muitas vezes, estão distorcidas, hiperbólicas.

No caso de Ari Friedenbach, o grande momento é tirar a imagem inocente que foi passada pela grande mídia, a de que ele é um pai que acaba de perder a filha; o sentimento generalizado é de piedade, mas o perfil busca desconstruir essa imagem para enfim desenhar uma condizente com a realidade – claro que escrever um texto extremamente verdadeiro é utópico, porém não por isso não almejamos tal qualidade.

Embora o objetivo seja traçar um perfil, não há como e por que abrir mão das características biográficas principais, um dos pontos necessários desta da peça jornalística; afinal, não seria possível contar uma história e compreendê-la totalmente sem o conhecimento básico da vida do perfilado, e só então a partir deste conhecimento, criar um perfil harmônico.

A partir das técnicas jornalísticas, buscamos trazer o lado humano do perfilado. O pesquisador Edvaldo Pereira Lima (2004: p. 51) tenta ser mais simples e, ao mesmo tempo, mostra resumidamente que um perfil pode ser mais do que algumas páginas: “Trata-se da obra que procura evidenciar o lado humano de uma personalidade



pública ou de uma personagem anônima que, por algum motivo, torna-se de interesse”.

Dentro da categoria do jornalismo literário – ou do Novo Jornalismo delineado por Tom Wolfe –, o perfil surge como narrativa diferenciada apenas no que diz respeito ao uso dos personagens. Diferente de uma narrativa, na qual o uso de vários autores dispersa a história, o jornalista se concentra na figura principal. Porém ter um ator central não significa perder as qualidades de histórias paralelas que podem ou não surgir no decorrer dos fatos.

O perfil, assim como as grandes reportagens em geral, pode se valer das descrições cena a cena, trabalhar em cima de reações do entrevistado, aproveitar e usar diálogos, colocar o ponto de vista da terceira pessoa e do status de vida.

O perfil reportagem possui outra singularidade, diferente dos textos da grande imprensa, fazendo sempre uso das funções de linguagem, partindo da apresentação das seis funções de acordo com Roman Jakobson – referencial (relato direto), expressiva (manifestação de sentimentos), conativa (colocar o receptor em primeiro plano), fática (verifica se o leitor/interlocutor participa do processo de comunicação – ex: "alô?" para perguntar se alguém está na linha), poética (o texto tem igual ou mais importância do que o relato) e metalingüística (procura explicar o texto de forma didática). No Jornalismo Literário e na grande reportagem, as funções expressiva, conativa e metalingüística também são usadas para enriquecer o relato.

Um dos recursos, talvez o mais utilizado pelos jornalistas que, é descrever os detalhes do cotidiano do personagem, sem que isso tenha relação direta com o encontro entre repórter e entrevistado, o autor desmistifica e personaliza o perfilado, como se estivesse abrindo as portas de sua casa – a do personagem – para o leitor. É o que faz Leticia Rocha em “Procurador geral”, matéria publicada na edição de abril de 2007 da revista Piauí.



## **JUSTIFICATIVA**

A história de Ari Friendenbach não é apenas um perfil de um advogado, mas também um relato comovente e necessário que aborda também questões do sistema penal para menores de idade no Brasil, porém sem deixar de lado o homem suas virtudes e vícios, qualidades e defeitos.

Os fatos que surgem na vida do perfilado não são apenas de interesse público, mas também do público, certamente porque desde a morte de sua filha, Ari se tornou uma pessoa notória. Como o próprio cita, ele sai do marasmo da vida para ser verdadeiramente um ator social, almejando até uma cadeira de deputado federal. Na matéria, ele faz esse desabafo, imaginado formas de chegar a Brasília (DF), dúvidas partidárias que o afligem na tentativa de um dia mudar aquilo que considera errado.

Além de teores políticos o texto traz um verdadeiro desabafo, traz à tona dores, aprendizados, conhecimentos e lições de um homem que passou por um choque jamais imaginado, além claro de contar a sua vida não só através da angulação da morte de sua filha, portanto, mostrar o homem que o perfilado se tornou, não apenas pelas crises vividas, mas também pelos sucessos em sua carreira profissional e vida pessoal.

A divulgação do material deste texto vai ao encontro ao momento da sociedade brasileira – sociedade situada em meio a inúmeros casos policiais, tendo como destaque a brutalidade dos criminosos. O relato e o perfil da Friendenbach não são apenas meramente ilustrativos como alguns perfis podem parecer à primeira vista, mas sim um relato altamente reflexivo e necessário para a sociedade.

## **MÉTODOS E TÉCNICAS UTILIZADOS**

Por meio de entrevistas com Ari Friendenbach, traçamos o perfil do advogado, pai de família e ator social Ari Friendenbach.

Sempre em seu escritório – uma vez que o próprio se incomodava em ter sua vida familiar aberta - as entrevistas duraram cerca de duas horas cada uma.



Além das conversas com o próprio perfilado, houve também contato com a advogada que antes era estagiária e hoje divide o escritório com Ari, Célia Afuso. A escolha de Célia foi muito produtiva, já que nas entrevistas ela o cita como uma pessoa muito ligada a sua vida pessoal e profissional, até citando-o como uma figura paterna para a própria.

Vale frisar que o contato com familiares não foi realizado por súplica do entrevistado principal. O motivo, já explicado anteriormente, era o anseio de Ari manter sua mulher e filho longe da mídia por motivos pessoais.

Todas as conversas foram registradas com gravadores, totalizando duas fitas cassetes e seis páginas de texto transcrito, além de anotações simbólicas sobre as observações do meio e dos comportamentos do perfilado.

Outro ponto a descrever é o conhecimento prévio sobre a vida do perfilado, através dos fatos divulgados na grande mídia. A partir das matérias dos jornais Folha de São Paulo, Estado de São Paulo e dos portais G1 e TERRA, realizadas na época do crime tivemos acesso as informações preliminares – destacando que nem todas eram de confiáveis.

## **REFERÊNCIAS**

WOLFE, Tom. **Radical Chic e O Novo Jornalismo** – Cia. Das Letras; São Paulo; 2005.

VILAS BOAS, Sérgio. **Perfis e como escrevê-los** – Ed. Summus; São Paulo; 2003.

PIZA, Daniel. **Perfis & Entrevistas** – Ed. Contexto; São Paulo; 2004.

CASTRO, Gustavo de (org.) e GALENO, Alex (org.). **Jornalismo e Literatura: a Sedução da Palavra** – Ed. Escrituras; São Paulo; 2002.

MEDINA, Cremilda. **Povo e Personagem** – Editora Ulbra; Canoas, 1996.



## **Peça: Um homem melhor**

***Por Sérgio Spagnuolo e Gustavo Kelly***

Entre algumas recaídas, Ari Friedenbach volta a seus cigarros. Não é muito chegado em cafeína, nem na combinação entre fumo e café, considerada perfeita por fumantes inveterados. Aprecia um Marlboro de filtro amarelo e, mesmo depois de já inteiramente tragado, segura o que sobra entre o dedo médio e indicador da mão direita.

- Eu tinha parado de fumar, mas tive uma recaída faz duas semanas. É que sou um dependente de nicotina. Por café não sou doido não, bebo um ou outro – explica.

As atividades tabagistas de Ari são parte de seu próprio processo químico. Um estudo da Organização Mundial de Saúde mostrou que, embora 70 por cento dos fumantes tentem largar o vício, apenas 5 por cento conseguem. Ele não parece muito preocupado com isso. Suas preocupações são outras, mais profundas.

Para ele a vida não é mais a mesma desde o fim de 2003. Sua família, seu trabalho, seu papel na sociedade. Todos os mesmos alicerces se sustentam, mas não são mais iguais. A forma como o advogado de 47 anos enfrenta a vida agora é diferente, mais ativa e, pode-se dizer, mais triste. A trágica escalada do episódio que mais lhe marcou e a maneira brutal como aconteceu dão pouca margem para ser uma pessoa fraca.

O primeiro fundamento, a família, permaneceu o centro de Ari, focado agora mais em seu filho Ilan e sua esposa Márcia. O segundo, trabalho, agora é mais um meio de dedicação do que de subsistência, embora seu sustento venha dele. Em terceiro, seu papel na sociedade, Ari se diz mais ativo, disposto e consciente, seja dentro de sua comunidade judaica ou do âmbito social como um todo. O homem, que antes temia se pronunciar perante juiz em uma



audiência, agora é o mesmo que dá entrevista ao *Jornal Nacional* e fala ao vivo a rádios paulistanas.

Ele recebe a imprensa sempre em seu escritório, um sobrado no bairro de Higienópolis no qual atuam apenas Ari e sua colega Célia Afuso, de 32 anos, que entrou lá primeiramente como estagiária em 1999.

A vida do advogado foi transformada no final de 2003, quando sua filha de 16 anos, ao acampar com o namorado em um sítio no interior paulista, foi violentada e assassinada brutalmente por Roberto Aparecido Alves Cardoso, o Champinha. O caso obteve bastante destaque da mídia nacional, e também na forma como Ari começou a encarar a vida.

O pai de Liana e Ilan agora se divide entre família, trabalho e uma agenda sócio-política da qual muito se orgulha, com entrevistas a veículos de comunicação e palestras sobre maioridade penal e coisas interligadas ao que aprendeu após o hediondo assassinato de sua filha.

- Tudo mudou completamente depois da morte da Liana. Mudei muito intimamente, já que não dá pra passar por uma vivência dessa e não ter sofrido mudanças, e acho que consegui, por conta da repercussão disso tudo, ter um papel social muito importante, e tenho uma consciência social muito legal.

E foi a consciência de Ari que floresceu mais. O que move a maioria dos caras comuns parece para ele um objeto secundário de procura, e o alvo central deixou de ser a paz interior, recursos e o que mais se pode desejar.

- Isso mudou minha ambição de vida. Hoje eu não tenho ambição de ser um cara rico, tenho ambição de fazer algo de bom. Tenho uma preocupação gigantesca – isso eu acho que qualquer pai tem – de conseguir fazer com que meu filho seja alguém bom e, mais do que isso, que seja normal, o que é muito difícil na nossa situação. Mas acho que a gente tem conseguido 10 com louvor nesse quesito.



O conjunto de camisa e calça sociais não é para receber apenas os repórteres da Narrativa. Antes, Ari atendia cinco alunos de uma faculdade para um trabalho em vídeo. Vida ocupada.

A sala na qual Ari recebe os repórteres da Narrativa é quadrada. Pequena, tem apenas uma estante de livros que ocupa a largura de toda a parede dos fundos, uma mesa redonda de quatro lugares no meio e um criado mudo com um telefone, que não tocou. O advogado havia subido as escadas e voltado com o único cigarro que fumaria durante toda a entrevista. Seus gestos simples e contidos não demonstram apreensão, tampouco nervosismo.

- E aí, sobre o que querem falar?

Para sua surpresa, o assunto do dia era ele.

Apesar de separar bem seus três alicerces – ele não recebe da imprensa ninguém em casa e sua esposa não dá entrevistas nem palestras, por exemplo – nas entrevistas deixa escapar seu lado bem familiar, embora não se aprofunde muito. Mas Ari é constante. Dificilmente nota-se qualquer variação em sua voz, seja de lamento pela morte da filha ou por ódio do homem que a arrancou de sua vida. Não há lugar para fraqueza. Bola para frente para tentar chegar a sua ambição de fazer alguma coisa boa para alguém.

Ainda com um toco de cigarro apagado na mão, o advogado trabalhista e civil conta que as atribuições de sua nova participação social fazem com que sua carga horária de trabalho seja menor, mas de forma alguma isso parece ser um grande incômodo para Ari. Afinal, se for para considerar mais o coletivo de uma forma geral, acaba-se por pensar menos em si mesmo.

- Eu trabalho menos em termos de rendimento financeiro. Viajo pra dar palestras, vou pra lá, vou pra cá e isso não me dá retorno financeiro nenhum, muito pelo contrário. Mas eu acho que isso é super útil socialmente, sinto um prazer muito grande em fazer isso.



O homem que, por influência de um teste de aptidão e do pai, escolheu o Direito como profissão, almeja a política como um provável próximo passo, parte de sua nova ambição, embora não haja nada garantido, por enquanto.

Ari flerta, pelo menos no nível ideológico de centro direita, com o Partido da Social Democracia Brasileira (PSDB). Quer legislar para todo o país, não aceita nada menos do que ser deputado federal, afirma ter idéias “boas que valem ser colocadas na roda”, e argumenta que para isso teria que entrar na política, mesmo se isso significar andar nos corredores da maculada Câmara dos Deputados.

- Não me ocorre filiar a partido de aluguel. Não tem essa; se entrar, vou entrar direito, me filiar direito, e provavelmente vou acabar me filiando ao PSDB. Mas se rolar ótimo, mas se não conseguir entrar lhe garanto uma coisa: eu não vou por um puto nisso. Porque o cara que põe ta investindo na candidatura e ele vai querer o retorno depois.

Como nem tudo o que se quer se pode ter, Ari espera para ver o resultado de toda sua ambição política, que pertence mais a seu alicerce sócio-político do que ao de trabalho.

Não é isso que ele afirma, com sinceridade, querer: o investimento e retorno financeiro de algum cargo, o poder, todas as maracutaias envolvendo acordos políticos e corrupção que sai pelos poros da capital. De certa maneira, Ari tem um duro caminho para chegar a Brasília, mas ele não parece muito preocupado.

- Não entra dinheiro meu nisso. Se der certo, legal, eu vou fazer com maior boa vontade, porque tenho vontade, acho que tenho realmente o que acrescentar no debate político. Próxima eleição é pra vereador e eu acho que seria oportunismo me candidatar. A única coisa que me interessa é ser deputado federal, o que eu quero fazer é legislação federal. Se eu me candidatar a vereador acho que consigo me eleger fácil, sinceramente, mas seria usar pra trampolim, não vou fazer isso.



O terceiro alicerce também pesa sobre Ari. Ele gosta de ser conhecido, gosta de falar com as pessoas, de dar entrevistas, de mostrar seu ponto de vista. O que ele não gosta é de ter sempre que dar o exemplo, recolher o cocô do seu Labrador, com o qual caminha todo dia em Higienópolis, onde também mora e é extremamente conhecido.

- Eu sempre recolhi cocô do cachorro, sempre, sou super encanado com isso, mas se um dia to afim e no outro eu não, não dá, entendeu? Alguém vai ver e pega mal. Então tem essa coisa que às vezes eu queria ser desconhecido – diz o advogado - Eu tava brincando com a minha mulher que, daqui a pouco, estou igual à Cicarelli, não posso nem mais trepar na praia sabe? Vão invadir minha privacidade.

É judeu não-fevoroso, segundo ele da ala liberal da religião, mas que vai à sinagoga às vezes e tem fortes laços com a comunidade judaica, incluindo na Congregação Israelita Paulista, a mesma que Liana tinha laços com a juventude. Bons amigos seus são judeus, mas, afirma, sua religiosidade continua a mesma.

- Nem aumentou nem diminui. O que aumentou foi minha participação social na comunidade judaica, assim sou tão pouco religioso como eu era antes, conheço gente que é mais religiosa e gente que é menos.

Roberto Aparecido Alves Cardoso é o Champinha, que violentou Liana Friedenbach por cinco dias em um sítio nas matas fechadas de Embu-Guaçú, e depois a matou. Ele tinha 16 na época, assim como sua vítima, e foi o mais conhecido entre seus cúmplices por isso.

Dentro densa mata que envolve a cidade de Embu-Guaçú, uns seis quilômetros após o fim do asfalto esburacado, está o Sítio do Lé, onde, em 31 de outubro de 2003, Liana fora acampar com o namorado Felipe Silva Caffé em uma propriedade na densa mata nos arredores de Embu Guaçú, cerca de 50 km de distância da capital paulista.



Mesmo sem contar a distância do sítio ao asfalto, o emaranhado de mata e os caminhos tortuosos que lá desembocam, o próprio local é estranho. Estátuas esculpidas em madeira com rostos macabros e canos representando órgãos genitais estão espalhadas pelo local.

Havia um quarto, bem na entrada, e ao lado algo parecido com uma sala, não conectado internamente com o outro cômodo. Entre os dois há um átrio pequeno com cabeças esculpidas e uma pia, ligado somente à sala por uma porta.

Mais adiante, passando por um caminho de mato alto e trilhas quase apagadas, chega-se a uma área relativamente descampada, onde uma caçamba de caminhão simula algo como um altar coberto, cujo parte traseira tem escritos alguns desabafos. De quem, é impossível saber. Talvez do português.

E foi ali, no descampado, que Liana e Felipe montaram suas barracas, atraídos, primeiramente, por algo que os locais chama de “prainha”, cerca de 50 metros do acampamento e 100 metros da entrada do sítio, e que nada mais é do que um espaço onde o rio Capivari acumula um pouco mais água, fica um tanto mais largo, e tem uma margem arenosa que acomoda várias pessoas, pelo menos umas 30 na parte descampada.

Vários moradores da região e do bairro Santa Rita, 18 quilômetros do centro da cidade e o mais próximo do sítio, frequentemente iam nessa “prainha” para nadar e fazer churrasco. Lá Liana sofreu e morreu, assim como parte de Ari.

Nos seus fundamentos pessoais, como qualquer bom pai é saudoso, saudoso Ari está. Não obstante, tudo se resume a uma constatação própria que ele não gostaria de ter. É como se tudo o que se precisasse é de alguma luz, e essa luz tenha vindo a um custo tão obscuro e absurdo que simplesmente estava fora de cogitação.



Seu amadurecimento como pessoa, advogado e agente na sociedade deveu-se a um evento que de maneira alguma qualquer bom pai como ele se atreveria até mesmo a pensar. Bem, Ari, sua vida mudou, mas como?

- Deixa eu ver como vou responder isso pra vocês.

Ele pára alguns segundos, põe as duas mãos na boca. A pergunta não é simples de responder. É vaga, é direta e é até insensata, mas tinha que ser feita. Por bem ou mal, Ari parecia impelido a reponde-la. No meio da resposta, solta o que parecia estar engasgado há tempos.

- Pode até parecer meio chocante, mas eu me sinto uma pessoa muito melhor hoje, apesar de ter passado uma tragédia horrorosa de perder minha filha da forma que perdi. Mas eu sou uma pessoa melhor, eu sinto que hoje sou muito mais útil pra sociedade, tudo isso me dá uma força muito grande. Pra um Ari que tem trauma, tudo isso me empurra pra frente, então eu sinto que adquiri uma maturidade muito diferente, minha relação com as pessoas em geral mudou muito.

Bem, ser um homem melhor não significa ser mais feliz. Pelo menos para Ari.